

## POÉTICA DO REENCONTRO ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA: FRANÇOIS JULLIEN RELÊ MARCEL PROUST

Maria Luiza Berwanger da Silva (UFRGS)<sup>1</sup>

**Resumo:** Com base na eficácia das relações Literatura e Filosofia, o presente artigo busca evidenciar o acréscimo teórico-crítico da leitura de François Jullien à recepção da obra de Marcel Proust, no que se refere ao impacto provocado em todo leitor pela narrativa de eventos de memória involuntária. Para tanto, este estudo fixa como ponto de partida o exame de eixos articuladores basilares da obra de François Jullien, a exemplo de “transformações silenciosas”, “distanciamento”, “transparência da manhã”, “experiência”, entre outros. Assim, dizer “poética do reencontro” significa evidenciar operações de desdobramento, apontadas por François Jullien, que expandem a sedução experimentada pela leitura da textualidade prousteana.

**Palavras-chave:** Memória involuntária; Transformações silenciosas; inusitado; incidentes; Espaço intervalar

[...] Proust busca uma forma que recolha o sofrimento (acaba de passar por ele, absoluto, pela morte da mãe) e o transcenda; ora, a “inteligência” (palavra prousteana) [...] se seguirmos a tradição romântica, é uma potência que fere ou seca o afeto [...]. Ignoramos por qual determinação Proust saiu dessa hesitação [...] mas conhecemos a os dois ao mesmo tempo: o que chamarei “uma terceira forma”, “uma tierci forme (BARTHES, 2004, p.351).

Por fim [Bergotte] chegou diante do Vermeer que ele recordava ser mais cintilante, mais diverso de tudo o que conhecia, mas onde, graças ao artigo do crítico, reparou pela primeira vez em pequenos personagens em azul, e que a areia era rósea, e, afinal, a preciosa matéria do pedacinho bem pequeno do muro amarelo. Assim é que eu deveria ter escrito – dizia. – Meus últimos livros são muito secos, seria preciso passar-lhes diversas camadas de cor, tornar minha frase preciosa em si mesma, como este pedacinho de muro amarelo. [...] E repetia para si mesmo: Pedacinho de muro amarelo com uma varanda, pedacinho de muro amarelo [...] (PROUST, 2002, t. 3, p.141).

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora e orientadora de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS. Pós-Doutora pela Université de la Sorbonne-Nouvelle Paris III, atuando como pesquisadora convidada.

E-mail: [marialuizaberwanger@gmail.com](mailto:marialuizaberwanger@gmail.com)

De um lado, o desenho de um espaço intervalar (de uma “*terce forme*” como a intitula Roland Barthes, considerando-a imagem exemplar do processo artístico de Marcel Proust) e, de outro lado, a busca do efeito do inusitado, mediada pela revisitação do crítico Bergotte a um quadro de Vermeer, configuram a eficácia da leitura do filósofo François Jullien para a constelação teórico-crítica dos estudos prousteanos e de sua consequente revitalização do olhar contemporâneo. Perceber de modo distinto o impacto gerado pela narrativa dos eventos da memória involuntária, emergentes ao longo de *À la recherche du temps perdu*, eis o eixo articulador basilar do pensamento filosófico de François Jullien e que certa abordagem da percepção condensa de forma privilegiada.

Sinólogo, posicionando-se entre Oriente e Ocidente, em prática que valoriza incidentes ao invés de acidentes, inevidências ao invés de evidências, não-agir do sujeito ao invés do agir sobre vivências e sentimentos, François Jullien investe na percepção de natureza não-fenomenológica traduzida pelas “transformações silenciosas”:

De onde advém o fato de que aquilo que se produz infatigavelmente sob nossos olhos, e que é o mais efetivo, é evidente, com certeza, mas não se vê?

Efetivo, seguramente, tanto que um efeito de real faz-se sentir, afinal de contas, o mais brutalmente, e nos retorna em plena face. Pois não se trata de uma invisibilidade interior, secreta, psicológica, a que seria dos sentimentos; nem da invisibilidade das ideias que a filosofia decretou de imediato de uma outra essência que não a sensível. [...] Discreto por sua lentidão, ao mesmo tempo em que por demais exposto para que se o distinga. Não há neste aspecto deslumbramento súbito que cegaria o olhar por seu surgimento; mas, ao contrário, o mais banal: em todo lugar e em todo tempo oferecido à visão, por este fato mesmo, nunca é percebido. Dele só se constata o resultado (JULLIEN, 2013, p.39-40).

Se, assim refletindo, o filósofo permite a associação das “transformações silenciosas” com a memória involuntária, é em *Philosophie du vivre* que se esclarecem as ressonâncias desse associar pelo processo de incessante desdobramento captado da narratividade prousteana, quando, para François Jullien, desdobrar corresponde a traduzir cantos novos da memória revisitada, sem, contudo, enclausurá-la no impacto dessa descoberta. Dito de outro modo: na paisagem filosófica de François Jullien, do ponto de vista da recepção de um evento de memória involuntária, não significa descrever o impacto experimentado, mas, ao contrário, toda sedução irradiada pela

narrativa de cifra-se no gesto do “desdobrar” como revisão de temporalidades, espacialidades, fazeres e sentimentos, possibilitando o acréscimo de perspectivas novas e inimagináveis. Estampam operações das “transformações silenciosas” que vislumbram para todo leitor a lição de um perceber que escapa à previsibilidade e ao domínio de acidentes. Nota-se que a proposta de leitura da obra prousteana de François Jullien consiste em uma experiência existencial diversa; como se, de forma inconfessa, já em *Sur la lecture*, Proust antecipasse possíveis desdobramentos que concedem expansão ao fato literário, configurando-o, pois, igualmente, como fato artístico e cultural. Nesse sentido, a mediação efetuada por Roland Barthes, em seu estudo crítico *Longtemps je me suis couché de bonne heure*, ao cartografar o desenho de certo espaço intervalar, ressoa no que François Jullien denomina de “écart”; compreende-o como enfrentamento de elementos contrários do qual resulta uma reflexão de um para o outro e vice-versa, incidindo não no acomodamento das diferenças, mas no pensamento lúcido e extensivo dos limiões do espaço de separação contido entre esses elementos díspares aproximados (observa-se, nesse sentido, o acréscimo reflexivo de François Jullien sobre a questão das relações Mesmo/Outro no Contemporâneo enquanto inclinação à polarização e ao acomodamento dos “écarts” ou distanciamentos). Dizer “écart”, pois, no pensamento desse filósofo corresponde a nele fixar a convergência e, ao mesmo tempo, a irradiação processadas por conceitos como “disponibilidade”, “experiência”, “íntimo”, “prazer” e “jouissance”, imagens articuladoras da paisagem mesclada de François Jullien, equivalendo a perceber o entrelaçamento do literário ao filosófico e desse ao primeiro. (Nota-se que tal entrelaçamento incide na nomeação da palavra que revigora esses campos díspares aproximados e que, ao fazê-lo, propõe uma reflexão outra sobre operações intertextuais e interdisciplinares).

Em síntese: observa-se que reler a obra de Marcel Proust à luz da reflexão filosófica permite perceber cantos, frestas e interstícios novos na produção prousteana aquém e além de lugares, memórias, subjetividades e disciplinas, já nomeados pela recepção crítica nacional e transnacional. Sob este prisma, percebe-se que “le petit pan de mur jaune”, passagem descrita em *La Prisonnière*, sobre a morte do crítico Bergotte, revela com exemplaridade:

Por fim [Bergotte] chegou diante do Vermeer que ele recordava ser mais cintilante, mais diverso de tudo o que conhecia, mas onde, graças ao artigo do crítico, reparou pela primeira vez em pequenos personagens em azul, e que a areia era rósea, e, afinal, a preciosa matéria do pedacinho bem pequeno do muro amarelo. Assim é que eu

deveria ter escrito – dizia. – Meus últimos livros são muito secos, seria preciso passar-lhes diversas camadas de cor, tornar minha frase preciosa em si mesma, como este pedacinho de muro amarelo. [...] E repetia para si mesmo: Pedacinho de muro amarelo com uma varanda, pedacinho de muro amarelo [...] (PROUST, 2002, t.3, p.141).

Nesse fragmento, a narrativa de Marcel Proust sobre Bergotte permite elucidar o acréscimo teórico-crítico de natureza filosófica sugerido por François Jullien. Nele, a memória involuntária e a produção do efeito do inusitado apontam para a eficácia do desdobramento e da conseqüente prática de revisão provocada justamente quando esse exercício do revisar faz-se mediador da decifração de ângulos enigmáticos e desconhecidos. Portanto, valorizar o dom prousteano da memória pela focalização do jogo entre literatura e filosofia consiste justamente no ato de descristalizar o impacto gerado no leitor pela emergência inesperada e incontrolável dos eventos narrados representativos de incidentes. Neles, a reserva de fertilidade faz-se convite ao destecer ou ao desdobrar, no rastro do projeto de valorização do próprio ato de revisão confessado por Bergotte diante da pintura de Vermeer; como se a Arte concentrasse certa essência vital inapagável mediada pela singularidade dos Três Anjos, compreendendo-se essa presença dos Três Anjos como tradução da perpetuidade. Identifica-se, desse modo, uma leitura outra da memória prousteana e que o diálogo entre Literatura e Filosofia concedem-se reciprocamente, em voz que amplia os estudos prousteanos pelas operações de aproximação e distanciamento de sabores simbólicos e não simbólicos.

Antever o fluxo contemporâneo da mescla e do hibridismo concede a Proust-leitor o desdobramento em Proust-escritor; como se toda leitura do real, uma vez decantada pelo filtro da paisagem subjetiva, hesitando entre memória e esquecimento, privado e coletivo, gerasse cartografias confluentes no tocante ao sentimento do múltiplo sorvido da migração infatigável a margens, lugares e temporalidades díspares de Marcel Proust pelo viés filosófico de François Jullien. Desse modo, a eficácia da leitura na busca do equilíbrio entre o projeto do dizer e a consolidação do mesmo expressa o vasto, o múltiplo e o atemporal da escritura prousteana dados a perceber pela surpresa do inesperado, tratando-se de neles perceber certo caleidoscópio de imagens memoriais.

Produto do trânsito teoria/prática e prática (teoria), a dicção prousteana prenuncia as *Seis propostas para o próximo milênio*, de Ítalo Calvino (1990), principalmente nas referências a Proust, com que Calvino explicita a proposta da “multiplicidade”: “[...] o mundo dilata-se a tal ponto que se torna inapreensível e para Proust o conhecimento

passa pelo sofrimento dessa inapreensibilidade” (1990, p.86). O acréscimo produtivo do olhar filosófico sublinha justamente a produtividade dessa narrativa sobre o efeito do impacto gerado, significando expandi-la e, pois, irradiá-la na tentativa de retrair-lhe esse traço do inapreensível. Seguindo-se nessa perspectiva de elucidar e desse modo legitimar a transparência de certa “filosofia do viver” proposta por François Jullien, observa-se que a percepção desse efeito prenuncia a fertilidade da ressonância que terá sobre a vida do homem contemporâneo.

Vista desta perspectiva, pois, afirma-se que a releitura de François Jullien da obra proustiana, tomando como eixo articulador o espaço intervalar desenhado entre o súbito aparecimento de um fato memorial desconhecido e o conseqüente impacto provocado, ressimboliza esse espaço denominando-o “tel quel de la rencontre”. Trata-se de transformá-lo de modo a que se faça mediação a um “accès au vivre” (acesso ao viver) que renova ao cotidiano, ligando-se o “vivre” à atividade da percepção de sujeitos, lugares, temporalidades e sentimentos articulados sobretudo por incidentes que escapam à nossa captação, mascarados, no mais das vezes, por acidentes. Como diz, em *Philosophie du Vivre*: “Temos tão dificilmente acesso a nossas impressões atuais devido ao fato de seu imediatismo – (que) esse nos impede atuar sobre elas. Eis porque permanecem difusas, inconsistentes, decepcionantes, fluidas; por isto as denominamos de irrealdade, ainda que somente elas carregam em seu âmago o “ainsi” (“o assim das coisas”)” (JULLIEN, 2011, p.251), demarcando, assim, a valorização de eventos incidentais e aparentemente desprovidos de significação como núcleo capaz de subverter o solo de nossa experiência sensível, buscando valorizar eventos incidentais e aparentemente desprovidos de significação. Como bem o enfatiza o filósofo:

[...] esse surgimento súbito e inopinado estanca as deliberações sem fim da inteligência, interrompe o encadeamento estéril do factual. Suscita um “despertar” que, aqui também, uma vez produzido, é definitivo e faz surgir o “ainsi”. Uma plenitude torna-se enfim acessível que, nesse caso igualmente, dá lugar ao nascimento a uma alegria inusitada que recobre tudo e de pronto vence (JULLIEN, 2011, p.253).

Com vistas a por em prática essa ressonância dos eventos de memória involuntária sobre o cotidiano dos sujeitos leitores (próximos, distantes e virtuais), François Jullien estabelece dois elementos garantidores do prolongamento desse espaço “entre”, ou lugar primordial da memória residual formada pelo efeito de júbilo gerado pela narrativa proustiana: “distância” (que tão somente ela pode fazer-nos “jouir de la beauté”,

segundo Proust) e a “atualidade da percepção sensível” (que tão somente pode conferir efetividade a uma existência) (JULLIEN, 2011, p.254).

Postos em intersecção, esses dois aspectos permitem ao filósofo legitimar sua reflexão pela evidência do “aqui” e do “agora”, vistos como eixos articuladores do desdobramento do impacto vivenciado pelo aflorar de certos ângulos novos da memória. Assim pensando, François Jullien encontra na imagem da “*transparence du matin*”, essa força de ressimbolização enquanto destecer e, pois, ampliar o arquivo memorial, incidindo no acesso ao “viver”; como se a “*transparence du matin*” efetuasse a travessia da memória involuntária à sensação presente, completando seu efeito de propagação na poeticidade da “manhã” (considere-se a manhã como captação da infinitude da sensação ou surpresa vivenciada pelos incidentes de memória involuntária narrados. Trata-se, para o filósofo, de “fazer emergir a evidência pela retração” (“*faire saillir de l’évidence par le retrait*”) (JULLIEN, 2011, p.268).

Nesse sentido, ao traçar o perfil dos “homens lúcidos” (“*hommes éveillés*”), como “aqueles que desdobram os contrastes, trabalham os distanciamentos, ao mesmo tempo em que os comunicam do interior ao fundo de sua ambiguidade” (“*ceux qui déploient les contrastes, font travailler les écarts, en même temps qu’ils les font communiquer de l’intérieur, jusqu’en leur fond d’ambiguïté*”) (JULLIEN, 2011, p.268), condensando na imagem dos “*Matinais*” (“*Matinaux*”), do poeta René Char, a vitalidade do pensamento contemporâneo. François Jullien relê a passagem prousteana dos “gigantes mergulhados nos anos em épocas por eles vividas tão distantes entre as quais tantos dias vieram colocar-se no tempo” (“*géants plongés dans les années à des époques par eux si distantes entre lesquelles tant de jours Venus se placer dans le temps*”) (PROUST, 2002, p.323). Decanta-a pela evidência do “aqui” e do “agora”. Desse modo, vista por esse acréscimo do “viver” à memória involuntária, a releitura de François Jullien da ficcionalidade prousteana brinda o leitor contemporâneo com a visualização do espaço “entre” em contínua prática de desdobramento; como se, sob forma de dom e de troca ressimbolizadas pelo entrelaçamento de um saber artístico (Literatura/Arte) a um saber não artístico (*La philosophie du vivre*), esse espaço “entre” assegurasse a permanência de Marcel Proust nos dias atuais pela mediação do horizonte dado a vislumbrar em *À la recherche du temps perdu*. Nela, cada página do livro lido significa cada página do livro da vida a ler, surpreendendo-se a operatividade do “tal qual do encontro” pela busca de



permanente lucidez. Até que ponto esta releitura de François Jullien comparece, ainda que de modo inconfesso, no Contemporâneo?

Legitimador dessa tendência, em *Os cinco paradoxos da modernidade*, de Antoine Compagnon, a presença de Proust comparece na definição da Pós-Modernidade mediada pela imagem da temporalidade e da espacialidade entrecruzadas de modo aparentemente inconciliável, mas que encontram na invenção o lugar certa elucidação da existência paradoxal a ser decifrada. Contudo, é no prefácio à obra de *Proust, la mémoire et la littérature* (2009) que Antoine Compagnon extrai da produção prousteana o “noyau dur” da relação memória/autorreferencialidade/invenção: “mémoire de la littérature ou la littérature est à la fois l’object et le sujet de la mémoire”, compreendendo, pois, este crítico, o literário como fato estético, artístico e cultural. Portanto, determinar a convergência entre o traço crítico de Ítalo Calvino com o de Antoine Compagnon permite vislumbrar este espaço intervalar de natureza teórico-crítica, espaço que, ao dar a ver a cartografia de comunidades imaginárias e inconfessas, na base da própria concepção do Contemporâneo, dialoga com as operações sugeridas por François Jullien.

Do mesmo modo, em *Littératures d’aujourd’hui: contemporain, innovation, partages culturels, politiques, théorie littéraire*, Jean Bessière demarca o Contemporâneo pelo traço da “multitemporalité qui conserve à tout temps et à ses témoins leurs identités propres” (BESSIÈRE, 2011, p.8), correspondendo a afirmar que o fazer contemporâneo especifica o presente, como jogo duplo entre absoluto e relativo. E, assim pensando, Jean Bessière sublinha que a paisagem lúdica contemporânea constitui o “arrière-plan obligé d’À la Recherche du temps perdu”, conquanto Proust não efetua a dissociação do presente e do passado; ao contrário, ao associá-los, percebe a articulação de um outro jogo, que consiste não apenas na “tradition du nouveau”, mas na “innovation littéraire entièrement tournée vers une conjoncture des temps passes et des temps présents”, visualizando esta “conjoncture” como “possibilité d’une réflexivité sur le contemporain [...] réflexivité qui récuse tout pouvoir que se reconnaisse la littérature dans cette approche du temps” (BESSIÈRE, 2011, p.9). Dito de outro modo: ao evidenciar em Marcel Proust a singularidade da “conjoncture” temporal de rara indistinção e neutralidade, Jean Bessière dialoga, ainda que de modo inconfesso, com a inclinação à “profanação” na base do exercício do perscrutar. O pensamento dos dois críticos coincide no que se refere à função dupla do Sujeito, da qual a subjetividade está

presente na imagem do “centre” (nacional) e na dos “centres” (transnacional), imagens de Jean Bessière que comparecem na “communauté qui vient”, de Giorgio Agamben, enquanto mobilidade subjetiva que possibilita configurar Marcel Proust como um “opérateur de lecture”, traço atribuído a Borges na conferência de Jean Bessière e que traduz, a seu modo, o pensamento filosófico de François Jullien. Dito de outro modo: o comparatista percebe a *Recherche* a matriz do jogo entre Mesmo/Outro e nacionalidades/ transnacionalidades, nos quais o Sujeito (“l’homme qui dort” transformado em “géant”) faz-se mediador de singularidades e pluralidades em gesto de recíproco compartilhar, um e outro configurando a “multiplicité de chaque centre” (BESSIÈRE, 2011, p.3) e, dedutivamente, de cada Sujeito e de sua comunidade cultural e artística.

Uma vez diluída a hegemonia do periférico, seguindo-se a reflexão de Jean Bessière, trata-se de incluir o Sujeito na circulação da “littérature-monde”, instalando-o de modo provisório e instável, mas diverso e múltiplo, na certeza de reterritorializá-lo sob forma de “géographie transfrontalière” (BESSIÈRE, 2011, p.16). Tal pensamento equivale a proceder certa “reconnaissance cosmopolite du local” (BESSIÈRE, 2011, p.18), imagens lapidares de Jean Bessière e que legitimam a produtividade inventiva da *Recherche* para o *corpus* brasileiro visualizado sob a égide do Comparatismo Mundial, daquele para o qual o traço crítico da difração, que transgride para profanar, não retrai a singularidade nacional e regional, ao contrário, sublinha-lhes a evidência inserindo-as na melodia da brasilidade, daquela que tanto diz o Brasil profundo quanto lhe garante a inserção na comunidade internacional. E, sob este ponto de vista, faz-se revitalizador retornar-se a Giorgio Agamben na obra já citada, quando este crítico percebe em “aise”, por ele considerada como imagem residual de um lugar novo cartografado, o lugar de condensação da multiplicidade significativa tecida pela consciência emergente da hesitação produzida pelo jogo entre centre/centres:

*Aise* é o lugar deste espaço não representável. O termo *aise* designa, com efeito, segundo sua etimologia, o espaço ao lado (*adjacens, adjacentia*), o lugar vazio onde é possível a cada um mover-se livremente em uma constelação semântica em que a proximidade espacial aproxima-se do tempo oportuno (à vontade, ter suas vontades) e da comodidade com relação apropriada. Os poetas provençais (nos versos dos quais aparece o termo pela primeira vez em língua romana, sob a forma de *aizi, aizimen*) fazem de *aise* um termo técnico de sua poética, designando o lugar mesmo do amor. Ou antes, não tanto o lugar do amor quanto o amor como experiência, o



ter-lugar de uma “singularidade qualquer” (ou de toda singularidade) (AGAMBEN, 1990, p.31).<sup>2</sup>

Uma vez transportada para a produção proustiana, a intertextualidade crítica tecida entre François Jullien, Ítalo Calvino, Jean Bessière e Giorgio Agamben atualiza este arquivo de fios memoriais, inovando-os e inventando-os. Inovar e inventar, eis dois gestos do sujeito contemporâneo ensejados pelo projeto artístico e cultural de Marcel Proust e que a leitura mesclada, de natureza literária e filosófica, proposta por François Jullien, possibilita evidenciar. Mediada pela certeza da subjetividade universalizada, uma vez profanada pelas “transformações silenciosas”, toda experiência faz-se apta a perceber a cartografia do inusitado. Intensifica-se esse prisma de leitura, conquanto permite a plenitude do diálogo da Vida com a Arte, sorvida do ato de releitura proposta por François Jullien. Poética do reencontro, pois, em uma palavra, que sorve da reciprocidade do olhar a certeza da experiência em contínuo renovar-se.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *La communauté qui vient* (Théorie de la singularité quelconque). Paris: Seuil, 1990.
- BARTHES, Roland. Durante muito tempo, fui dormir cedo. In: *O rumor da língua*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BESSIÈRE, Jean. *Littératures d'aujourd'hui: contemporain, innovation, partages culturels, politiques, théorie littéraire*. Paris: Honoré Champion, 2011.
- \_\_\_\_\_. Notas da conferência pronunciada em Curitiba, abril, 2010.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COMPAGNON, Antoine. *Cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

---

<sup>2</sup> “Aise est le nom propre de cet espace non représentable. Le terme *aise* désigne en effet, selon son étymologie, l’espace à côté (*adjacens, adjacentia*), le lieu vide où il est possible à chacun de se mouvoir librement, dans une constellation sémantique où la proximité spatiale voisine avec le temps opportun (à l’aise, avir ses aises) et la commodité avec la relation appropriée. Les poètes provençaux (dans les vers desquels le terme apparaît pour la première fois en langue romane, sous la forme *aizi, aizimen*) font de l’aise un *terminus technicus* de leur poétique, désignant le lieu même de l’amour. Ou plutôt, non pas tant le lieu de l’amour que l’amour comme expérience de l’avoir-lieu d’une singularité quelconque. [...]” (AGAMBEN, 1990, p.31).

\_\_\_\_\_. *Proust, la mémoire et la littérature*. Paris : odile Jacob, 2009.

JULLIEN, François. *As transformações silenciosas*. Trad. de Maria Luiza Berwanger da Silva. Porto Alegre: Paiol, 2013.

\_\_\_\_\_. *De l'être au vivre* (Lexique euro-chinois de la pensée). Paris: Gallimard, 2015.

\_\_\_\_\_. *Philosophie du vivre*. Paris: Gallimard, 2011.

PROUST, Marcel. *A prisioneira; A fugitiva; O tempo recuperado*. Trad. de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. t.3.

\_\_\_\_\_. *No caminho de Swann; À sombra das moças em flor*. Trad. de Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. t.1.